

CORPO E MEMES: CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE CENTRO E PERIFERIA NO FACEBOOK

**Daniel Loureiro Gomes¹
Ivânia dos Santos Neves²**

Resumo. A história da capital paraense é atravessada por diferentes discursos. Alguns são produzidos pela grande mídia e pelos documentos como a memória oficial da cidade, cuja visibilidade acaba por silenciar alguns de seus sujeitos e algumas de suas práticas. Essa história mantém íntima relação com a dispersão e organização histórica de povos indígenas e negros na cidade, que criou centros e periferias para determinar espaços específicos para cada grupo. Diante desse cenário, Belém, na condição de uma grande heterotopia (Foucault, 2013), é visibilizada pela web como esse espaço outro em que subjetividades são construídas por meio de memes publicados em páginas do Facebook. Este artigo analisa discursivamente esses memes como formas de construção de sujeitos, cujos corpos estão atravessados pelas marcas históricas da colonização, revelando assim a dimensão política e social que constitui esse gênero discursivo.

Palavras-chave: Corpos. Memes. Heterotopia. Belém. Web.

Abstract: The history of the capital of Pará is crossed by different discourses. Some are produced by the media and documents as the official memory of the city, whose visibility ends by silencing some of their subjects and some of their practices. This history has an intimate relationship with the dispersion and historical organization of indigenous and black peoples in the city, which created centers and peripheries to determine specific spaces for each group. Faced with this scenario, Belém, while a great heterotopia (Foucault, 2013), is visibilizada by the web as this space another in which subjectivities are built through memes published in Facebook pages. This article analyzes discursively these memes as forms of construction of subjects, whose bodies are crossed by the historical marks of colonization, thus revealing the political and social dimension that constitute this discursive genre.

Keywords: Bodies. Memes. Heterotopia. Belém. Web.

1. Introdução

Os brasileiros, atualmente, são os usuários de internet que mais tempo ficam diante das telinhas. O smartphone ocupa um papel central neste novo cenário complexo e conectado da contemporaneidade. Com muita facilidade ele invadiu nossas salas de aula e propôs novos desafios à educação. A prática docente no ensino médio oportuniza a percepção de que os jovens estão cada vez mais conectados, imersos numa web que os coloca em vários lugares ao

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professora do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

mesmo tempo, dispersando atenções e investindo-os de conhecimentos cada vez mais diferentes daqueles que as aulas lhes trazem.

Esses tantos lugares diferem da sala de aula por sua conexão com uma dimensão inimaginável com outros mundos, outros sujeitos, outros corpos com os quais se pode interagir. Essa web é um não lugar físico e nela se navega por caminhos múltiplos, formando uma rede descontínua de percursos e escolhas. São outros espaços, com diferentes possibilidades de navegação, uma heterotopia por excelência.

Em *Outros Espaços*, Foucault (2013) afirma que em qualquer civilização existem espaços reais delineados pela própria sociedade que se efetivam como contraposições, espaços que estão dentro da cultura, mas fora de todos os lugares. Assim, é pela web e com a web que hoje se pode chegar a lugares interditados socialmente, de difícil acesso geográfico ou social, ou mesmo a alguns que de fato não existem fisicamente. É onde também se reúnem opiniões divergentes e consensuais, discursos outrora silenciados emergem e se tornam visíveis, dando conta de variadas possibilidades de as histórias se encontrarem.

Nos dizeres de Gregolin (2016, p. 198),

Nesse espaço virtual cruzam-se todo tipo de outros espaços, consensuais e conflitantes; acolhem-se todo tipo de enunciados e de formas de visibilidade numa cartografia em que se misturam permissividade e controle de forma ambígua; o seu funcionamento tem em sua base o contínuo movimento do dito e do não dito. Navegamos por esse labirinto e a velha metáfora da navegação convive com outras formas de experimentar lugares nunca antes navegados. (GREGOLIN (2016, p. 198).

Dentro desses espaços, os enunciados navegam dispersos, descontínuos, estabelecem relações conflituosas, reafirmam-se e refutam-se, constituem-se, interagem e ampliam os discursos do mundo off-line e já não conseguimos demarcar com clareza suas fronteiras. Nesse jogo, a emergência de determinados discursos indica a pluralidade de sujeitos presentes na web, algumas vezes, contrariando as invisibilidades historicamente construídas.

Neste artigo, vamos trabalhar com um destes lugares de invisibilidade, a periferia da cidade de Belém, capital do estado do Pará. Estes sujeitos, historicamente, têm seus corpos construídos por um discurso marginalizador, enredado por um processo longo da história em que a pluralidade étnica, sobretudo a descendência indígena e africana é inferiorizada em

relação a uma descendência europeia, que ocupa, neste momento, os espaços do centro do poder.

Por meio da web, esses sujeitos estão ganhando espaços para serem ouvidos, suas práticas ganham visibilidade, os discursos que colocam em circulação confrontam a “memória oficial da cidade”, pluralizam as verdades sobre Belém permitem ampliar as reflexões sobre seus sujeitos. Nos últimos dois anos, um dos meios principais para isso é o uso de memes que circulam em páginas expressivamente acessadas no Facebook, produzidas para falar sobre a cidade de Belém. Essas páginas oportunizam que discursos outrora silenciados sejam percebidos como pertencentes a uma capital cuja história sempre foi contada pelo colonizador europeu, deixando às margens da sociedade os mais diferentes sujeitos que constituem a Belém invadida e tomada à força dos indígenas.

Uma Belém cuja identidade está relacionada ao Mercado de Ferro, símbolo da cultura francesa na capital durante sua Belle Èpoque no início do século XX, que se ergue imponente em meio ao complexo arquitetônico do Mercado do Ver-o-Peso, o principal cartão postal da cidade. A extrema visibilidade dada a este mercado, assim como a tudo que ele representa, silencia outros sujeitos que constituem também essa história. A imagem deste mercado, com frequência, aparecerá nos memes, contrapondo-se ao sujeito ordinário da cidade.

As experiências vividas por séculos entre os feirantes e os moradores da cidade é algo que escapa, que desestrutura um discurso patrimonialista de conservação. Suas paredes não são de mármore, seus feirantes não pertencem às classes dominantes, os barquinhos que por lá trafegam são de pessoas do povo e muitos deles devem ser descendentes daqueles Tupinambá que foram incorporados à população das cidades. (NEVES, 2015, p. 34).

É a periferia do mercado, a periferia da própria cidade, cujas origens indígenas são apagadas junto com sua existência. Muitos são chamados de ribeirinhos para não serem descendentes de indígenas, um discurso de poder pela língua que invisibiliza parte da história da fundação de Belém. Nesse cenário, de consensuais conflitos, surgem práticas discursivas que permitem um lugar a esses sujeitos, perifizados pelos discursos de centro, pela mídia, pela história. Dentre os vários enunciados existentes nas redes sociais, o meme insurge como forma humorada de falar sobre esses silenciamentos, exibindo uma Belém plural, ainda que segregada, determinando que não apenas de centro ela vive.

2. O meme como gênero discursivo

Memes serão tomados como replicadores culturais, assim como o gene é um replicador biológico. A propagação de discursos se dá nos cérebros humanos, como imitações, em sentido amplo.

Exemplos de memes são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. (DAWKINS, 2007, p 148).

O meme está associado então a discursos cujo valor é transmitido culturalmente, por meio de linguagens diversas. Claro está que em 1976, o autor não pretendia explicitar o que seriam os memes da internet de hoje, no entanto sua ideia se relaciona ao fato de que enunciados verbo-visuais circulam pela *web*. Hoje estes memes também estão construindo discursos sobre os sujeitos da cidade de Belém e criando uma teia de memórias sobre práticas sociais que confrontam centro e periferia.

Nossa intenção é analisar discursivamente memes em que corpos são construídos a partir do centro e da periferia de Belém, instituindo a eles identidades sociais e históricas que dialogam com a pluralidade étnica e cultural da capital paraense. Aqui, os *memes* serão considerados como gêneros discursivos, práticas de linguagens que estão associadas a funções específicas na sociedade. Os gêneros do discurso são múltiplos em virtude de também serem múltiplas as atividades humanas.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Tal complexificação tem estreita relação com o advento da *web* e suas diferentes formas de produção de sentidos, por meio dos mais diferentes textos. Dentre eles, memes produzidos por meio de enunciados verbais e visuais, comumente associados para criar novos efeitos de sentidos em situações específicas de interação. Embora Bakhtin tenha postulado sobre os gêneros de natureza escrita e oral, entende-se que hoje a imagem é um enunciado capaz de constituir significado e produzir diferentes sentidos sociais. Dessa forma, defende-se

a noção do meme como gênero discursivo que emerge como prática de linguagem no espaço das redes sociais na internet.

3. Heterotopias do Corpo

Aqui, tomamos os memes em sua construção verbo-visual como enunciados complexos, entendendo-os como esse conjunto publicado junto aos comentários, uma vez que é esse todo que ratifica a imagem do corpo como visível na web. Ao ser curtido, o meme é autorizado como parte de um conjunto de práticas sociais que ensejam a participação dos sujeitos na internet. Não obstante, esse conjunto discursiviza a heterotopia étnica, social e cultural que é a capital do Pará.

Alicerça-se um discurso sobre essa múltipla Belém em que a periferia aparece. Nesse caso, a reiteração de que a marginalização é um fator recorrente nas periferias da cidade, em contraste com o recato de um bairro do centro, não apenas geográfico, mas também socioeconômico.

Não resta dúvida, no entanto, que os moradores da periferia, espalhados pelos subúrbios e pelas 39 ilhas, de alguma forma, estão profundamente envolvidos com a memória dos povos indígenas chacinados pelos primeiros portugueses e seus herdeiros, ou ainda aos que foram incorporados, junto com os afrodescendentes e mais tarde com grandes levas de migrantes nordestinos, à população pobre da cidade. (NEVES, 2015, p. 17).

Essa periferia é apagada em virtude de ser um lado não europeu, não colonizador. Quando não é apagada, é visibilizada pelo discurso de que sua marginalização é um fato, marcado pelo cenário e no corpo. Essa coexistência, de um corpo visibilizado e marginalizado é a marca permanente de uma colonização ininterrupta, ainda alicerçada em padrões estéticos vigentes. Essa descontinuidade da qual fala Foucault (2005) projeta a percepção de que há uma rede de memória sobre a pluralidade étnica da cidade de Belém (NEVES, 2015, p.17).

A primeira postagem é um meme colocado em circulação na página *Paraenses no Desespero*, no dia 26 de agosto de 2017, com 161.562 curtidas, uma das mais populares sobre a temática paraense. Esta publicação foi feita dia 9 de março de 2017 e exemplifica como os corpos são construídos discursivamente nesse ambiente. Nela podemos ver duas mulheres jovens, que vivem em realidades diferentes, tanto pelo entorno da imagem da segunda, como por seus corpos, que enunciam de diferentes lugares sociais.

A forma com são apresentadas neste meme deixa transparecer a Belém heterotópica. O centro, com sua pele branca, com um ângulo que lhe assegura o corpo guardado pela roupa trazida pela cultura europeia, que interdito a natureza desnuda do indígena encontrado aqui. Já a periferia exhibe o corpo da mulher negra, na rua não asfaltada, com construções simples e uma arma de fogo na mão.

Não por acaso, os enunciados verbais “Nazaré”, um dos bairros mais ricos da cidade e “Terra-Firme”, um dos bairros mais pobres, encontram-se em diferentes linhas de leitura junto à imagem. Assim como os corpos, eles também estabelecem o discurso da diferença social entre as jovens perante as condições de Belém. A cidade múltipla não opõe geograficamente as duas, ao contrário, cria condições muitas vezes complementares para que estejam nela, em bairros diferentes, em condições sociais diferentes. “As cidades não são apenas um limite geográfico, ou uma organização política definida, mas sim complexos processos históricos e culturais sempre inconclusos” (NEVES, 2015, p. 3).

São corpos cuja construção na web carrega valores históricos. E essa mesma história toma a capacidade de ser reproduzida e transmitida. Nesse sentido, tomamos os memes como enunciados, uma vez que para Foucault (2008), o enunciado é visto como um conjunto de signos capaz de se referir a um objeto, a um sujeito, capaz de se relacionar com outras formulações e de ser repetível (CASTRO, 2016). Diante dessa perspectiva, a periferia de Belém tem sua visibilidade atravessada por um conjunto de fatores históricos de marginalização construídos para além de limites espaciais.

As periferias constituem-se como espaços sociais de segregação/exclusão social no Brasil e no mundo. Geograficamente, um espaço que se distancia do espaço central das cidades, entre as cidades e entre países (das cidades e países periféricos na ordem capitalista mundial), também conglomeram populações segregadas e excluídas pela classe social, pela raça, por seu registro linguístico e seus hábitos e produções culturais, entre outros caracteres. (PAULA; PAULA, 2011, p. 115).

Esse corpo periferizado é entendido como não pertencente à sociedade, está fora do alcance do poder público, é recriminado em sua existência e em sua constituição. Assemelha-se à heterotopia de crise pensada por Foucault.

Foucault arrisca-se a definir dois tipos de heterotopias, sem entretanto separá-las definitivamente, já que podem se justapor uma à outra. Primeiramente, há aquelas que constituem-se como lugares de crise pois estão reservadas a sujeitos que se encontram, em relação à sociedade, em um lugar fora dos lugares mas que é delimitado no tempo. (GREGOLIN, 2015, p. 199).

Vejamos a seguir os comentários sobre o meme que estamos analisando

Figura 1 – Comentários sobre o meme da página Paraenses no Desespero



Disponível em:

<https://www.facebook.com/ParaensesNoDesespero/photos/a.459744340749173.105897.459716040752003/1033164933407108/?type=3&theater>. Acesso em: 1 de novembro 2016.

A Figura 1 revela a aceitação dos sujeitos acerca do conteúdo, não apenas por parte de um morador de Belém, mas de pertencentes ao próprio bairro da periferia de Belém sinalizado no meme TF abrevia Terra Firme. Os efeitos de riso por meio dos emojis³ ou da expressão “ashuashu” indicam a sensação de pertencimento a uma dada realidade, na qual os

³ Recursos visuais que indicam expressões faciais de reações dos usuários do Facebook diante de uma publicação.

corpos desses sujeitos estão inseridos. Do ponto de vista interativo, são os comentários que marcam a presença desses sujeitos na publicação.

Os comentários [...] são as práticas mais evidentemente conversacionais. Trata-se de uma mensagem que é agregada através do botão da postagem original, é visível tanto para o autor da postagem quanto para os demais comentaristas, atores que “curtam” e compartilhem a mensagem e suas redes sociais. É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação. (RECUERO, 2014, p. 120)

Os comentários funcionam como uma forma de construir seus corpos e indicar sua presença de fato na circulação dessas informações na web. “Assim, ao pensarmos a WEB como hiper-heterotopia da sociedade atual, nos damos conta, com Foucault, que o corpo experimenta, hoje, lugares que são completamente abertos ao mundo exterior, ao qual a maioria de nós tem acesso.” (GREGOLIN, 2015, p. 212).

4. A visibilidade dos corpos

Em outra página, M0nt4g3ns b3l3m, com 114.911 curtidas em 26 de agosto de 2017, encontramos novamente enunciados que indicam a regularidade da visão sobre os corpos do centro e da periferia. A visibilidade dada ao corpo da periferia é tomada por um ângulo que deixa entrever uma parede não terminada, com cimento e tijolos à mostra, indícios de uma construção inacabada. Neste lugar, o corpo da mulher negra, com corpo semicoberto, com a tonalidade de cabelos irregular. Ao seu lado, a mulher, em um espaço que parece ser um quarto, branca, coberta, segurando um telefone celular, cuja marca indica seu alto custo comercial.

O corpo em sua localização (espaço histórico-social) determina sentidos, posições discursivas, funcionando como *espessura material significante*. Uma espessura material que é estrutural, simbólica e imaginariamente constituída como linguagem. O corpo, em sua visibilidade, posiciona discursivamente o sujeito, sobredefinindo seu dizer, direcionando os sentidos e determinando as formas de relação interpessoal. Compreendido como espessura material significante, o corpo é a forma, o espaço e o texto nos quais o sujeito se simboliza, se representa e é representado, é a linguagem em toda sua força constitutiva no sujeito, em seus aspectos de opacidade, de contradição, de equivocidade. (HASHIGUTI, 2008, 71)

Exibição de corpos que percorrem sentidos históricos desiguais associados a uma geografia excludente. Salinas e Mosqueiro são balneários voltados para sujeitos diferenciados.

A elite, com seus carros, invade a areia da praia de água salgada do Nordeste paraense, distante 220km da capital, Salinópolis é o município. Por outro lado, Mosqueiro é a ilha repleta de praias em que a acessibilidade é mais fácil, com ônibus urbanos a 70km de distância e a preços mais populares.

Ao produzirem esses corpos, os discursos dos memes legitimam esse dispositivo colonial que até hoje exerce poder sobre a cidade de Belém. O discurso das redes sociais oportunizou a visibilidade da periferia ao mesmo tempo em que contribui para que se reforcem sua heterotópica exclusão em Belém. São sujeitos tomados como um não lugar, eles estão fora do reconhecimento social, do poder público e de seus benefícios. É invadida por um processo de marginalização histórico em que, passivamente, aceitava-se a morte ou a subserviência.

Nos comentários, aparece outro balneário, Outeiro. É uma ilha que fica 18 km distante do centro de Belém e é ligada ao distrito belenense de Icoaraci. Também conhecido como Ilha de Caratateua, Outeiro se tornou um balneário muito visitado pelo público da região, um distrito caracterizado pela distância não só geográfica, mas também econômica do centro da capital, o que aproxima seu público daquele que frequenta Mosqueiro.

Figura 1 – Comentários sobre o meme da página M0nt4g3ns b3l3m



Disponível em: <https://www.facebook.com/M0nt4g3nsB3l3m/photos/a.138344149626172.24961.138336539626933/934646799995899/?type=3&theater>. Acesso em: 06 fev. 2017.

Ao discurso é associado o valor do poder que é instituído pela língua. Exige-se a marcação do plural, em conformidade com o padrão europeu da Língua Portuguesa, seja com marcação do plural “Queria ver as meninas que falam no plural correto”, seja na exigência da pronúncia do ditongo “Imagina as que falam “Otero””. “Em meio a estes processos, cria-se uma ficção sobre os usos das línguas europeias, que se impõem como as únicas referências linguísticas possíveis” (NEVES, 2015, p. 29).

O corpo, em sua constituição física, social, histórica e linguística é colocado como indicador de colonização. O poder instituído pela língua de padrão europeu legitima a alocação do corpo à mostra da periferia, no espaço inacabado, que carrega o símbolo cristão da cruz. Este corpo está devidamente marcado pela segregação e manipulação histórica que o processo de colonização ensejou ao longo desses séculos, numa história ininterrupta, descontínua, uma vez que ainda está presente por meio desses traços mínimos de poder.

A página Malaco do Bem, de onde retiramos o segundo meme analisado, é a que tem maior número de seguidores com a temática paraense, eram 242.784 curtidas até o dia 07 de outubro de 2017. O meme desta página é outro exemplo em que estão marcados esses lugares sociais dos corpos que, segregados, visibilizam periferia e centro de Belém. Um enunciado cujas regularidades de disposição projetam uma comparação entre dois espaços que, dentro da capital de Belém, indicam sujeitos sociais diferentes.

Umarizal, o bairro valorizado pelos seus prédios de alto padrão e Tapanã, o bairro da periferia, distante desse centro valorizado estão colocados em comparação. As mulheres são dispostas em diferentes performances fotográficas. A do Umarizal, elegantemente, sentada e tomando uma bebida. Seu corpo vestido pela roupa branca acentua seu tom de pele e a dispõe com um discreto olhar que não entra em contato com o leitor. Por outro lado, a jovem do Tapanã está sentada na calçada acimentada, com pouca roupa e com uma tornozeleira eletrônica, um símbolo da vigilância em virtude do cometimento de um crime. A parede ainda sem pintura, com tijolos à mostra expõe condições sociais diferentes daquele visível no cenário do Umarizal.

4. Considerações finais / Conclusões

São os valores históricos dessa narrativa de colonização que se mantem firmes na consolidação desse conjunto de pensamentos sobre a cidade, sua fundação, seus sujeitos e suas práticas. A *web* oportuniza o acesso a diferentes cidades de Belém do Pará, podendo abrir espaço para discursos que estavam silenciados numa periferia produtiva culturalmente, ou mesmo tornar mais visíveis ainda aqueles que constituem um imaginário de pobreza, criminalidade e distância social do restante da cidade.

Jenkins (2009, p. 28), em seu estudo sobre a cultura da convergência, afirma que a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático, com grande potencial para a mobilização social. A mídia digital potencializa essa possibilidade de agenciamento político e de crítica, pois permite que um texto ou imagem seja compartilhado entre milhões de pessoas. (GREGOLIN, 2015, p. 202).

Os corpos discursivizam formas de verdade sobre o centro e a periferia por meio da manutenção de imagens sociais. Os memes visualizados constroem esses corpos e marcam lugares históricos dos sujeitos que constituem a cidade de Belém e suas heterotopias.

Na grande web são visibilizados corpos que deixam entrever a dualidade entre duas cidades, a de centro e a da periferia, nas quais os corpos constituem-se de memórias distintas. O corpo branco, vestido é aquele que está “guardado”, não exposto em sua totalidade. Revela-se a ideia de que a visibilidade do centro é construída por meio de um padrão de beleza e comportamento mais recatado. Adentra um espaço privativo, protegido da violência da rua e carrega consigo até mesmo artefatos símbolo de poder financeiro. Além disso, seu lugar está reservado ao bairro de Nazaré e ao balneário de Salinas, parte de um arquivo discursivo (Foucault, 1994) que arregimenta os lugares destinados à elite herdeira da colonização.

Por outro lado, o corpo negro é bem mais exposto e dá indicações de que a exposição na periferia é comum. Além disso, reitera-se a imagem da mulher como imagem da sensualidade, com corpos em exibição. Seu espaço, quando não é o da rua não asfaltada em que o poder público se ausenta historicamente no que diz respeito à assistência, é o de uma parede com cimento e tijolos à vista, o indício de uma economia deficitária que não permite a finalização de uma construção. O corpo da periferia, munido de uma arma de fogo, finca a subjetivação da criminalidade instituída na periferia, uma herança imposta aos colonizados pelo poder do colonizador.

O discurso é produzido por enunciados visuais e verbais que instituem uma antagonização entre as mulheres, por meio de signos sociais que ensejam a leitura sobre o que é ser centro e ser periferia em Belém. Diferença que está além da delimitação geográfica da cidade, mas de uma história que dividiu colonizados e colonizadores, suas etnias, seus corpos, seus discursos.

Essa divisão continua sua visibilidade e manutenção por meio dos memes que circulam na web, em redes sociais como o Facebook. As páginas que foram analisadas remetem ao discurso segregador entre o centro e a periferia, marcando os lugares aos quais os corpos estão vinculados historicamente. A visibilidade permitida pela web, ao mesmo tempo em que oportuniza condições para que a voz da periferia seja ouvida, reitera a imagem marginalizada construída desde o início do processo de colonização da cidade de Belém.

Esta discussão, agora promovida na internet, também deveria nortear nossos conteúdos de sala de aula. Já nossos alunos estão tão conectados em seus smartphones, seria bastante produtivo levar os memes para as salas de aula. Sabemos que os discursos da

Littera Online

n.14, 2017

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

periferia, bastante invisibilizados pelas mídias corporativas não recebem tratamento diferente nos livros didáticos. Nossas práticas discursivas ainda bastante embaladas pela colonização estão presentes nas mídias, nas escolas, nas conversas cotidianas, mas, não podemos desconsiderar que desde o início da colonização, sempre encontraram brechas no discurso hegemônico e os memes também representam este outro espaço.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, págs. 261-306.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. São Paulo: Autêntica, 2004.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DE PAULA, Luciane; DE PAULA, Sandra Leila. **No centro da periferia, a periferia no centro**. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 107-121, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/13>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Outros espaços**. *Estud. av.* [online], 2013, v.27, n.79, p. 113-122, ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://tinyurl.com/gtyhtfx>>. Acesso em 08 de jul. 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G.G. et al. (orgs). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.

HASHIGUTI, Simone. **Corpo de Memória**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008

NEVES, Ivânia. **EtniCidades: os 400 anos de Belém e a presença indígena**. *MOARA*. ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 43, p. 26-44, mar. 2016. ISSN 0104-0944. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2634/2776>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. *Revista Verso e Reverso*, 2014, v.28, n.68, pp.117-127, ISSN 1806-6925. Disponível em: <<http://tinyurl.com/zdzfydt>>. Acesso em 26 mar. 2017.